

RELATÓRIO DE VIAGEM
PORT. Nº 1829/E de 04.02.85

CEDI - P. I. B.
DATA 24/08/87
COD RPD08

I - INTRODUÇÃO

- Grupo Indígena - ASHANINKA (Kampa)
- Localização - Rio Amônia, mun. de Cruzeiro do Sul - Alto Juruá-Acre
- Grau de Contato - Permanente
- Língua - Aruak
- Acesso - 1. Aéreo - VARIG e TABA até Cruzeiro do Sul; frete até a Vila Marechal Taumaturgo (foz de Rio Amônia); pista com 368 m de ter raplanagem, previsão de 1000 m (em construção).
- 2. Fluvial - batelão ; no verão acesso somente por canoa.

Nossa viagem foi feita no período de inverno, em batelão de 04 toneladas, motor Yanmar de 11 HP, gentilmente cedido pela Secretaria de Desenvolvimento Agrário, em Cruzeiro do Sul. Levamos um motor Montgomery para viagens nos igarapês.

Durante o período em que permanecemos na cidade de Cruzeiro do Sul, preparando a subida pelo rio Juruá, visitamos o aldeamento Poyanaua no município de Mâncio Lima, face ocorrência de problemas com ocupantes da área delimitada em 1984, já que até o momento a FUNAI não tinha providenciado o pagamento das indenizações. Situação semelhante entre os índios Nuquini, nos foi informado pelo Cacique Humberto, no sentido de que, os ocupantes a espera de indenização, estão matando as seringueiras do patrimônio indígena, através de corte propositalmente inadequado.

Neste período, soubemos através de um Antropólogo da UNI CAMP, que entre os Katuquina do rio Campinas, havia morrido 04 índios no espaço de 25 dias, um adulto e três crianças, apresentando sintomas de dor de cabeça, febre, vômito, diarreia, enrigessimento do corpo, mudança de cor e morte. Foi acionada a Secretaria de Saúde do Estado.

Encontramos nas ruas de Cruzeiro do Sul, um grupo Kam pa, comandado por Carmelín Kampa; com sua mulher, 02 filhos, 01 irmã e 01 genro. Faziam na ocasião, contato com um comerciante da cidade, para trabalharem nas cabeceiras do Moa, seringal Barão. Carmelín informou que ao todo, o grupo era de 15 pessoas, acampado no Juruá, margem oposta da cidade. Informamos so

bre o nosso trabalho, porém estavam interessados em seguir caminho, necessitam do dinheiro. Pensavam conseguir com o patrão, ou vender alguns artesanatos que levavam. Fornecemos remédios para os doentes com receita do Posto de Saú de da cidade.

II - HISTÓRICO DA OCUPAÇÃO

Até o final do século passado, as terras do Acre eram povoadas exclusivamente por índios, e faziam parte dos territórios peruano e boliviano.

"Em 1870, a penetração brasileira no alto Juruá alcança as barras dos rios Amônia e Tejo; em 1877, levas de nordestinos chegam ao alto Juruá; em 1902, a expedição brasileira, chefiada por Carlos Eugênio Chauvin, expulsa os peruanos que se estabeleceram na foz do Amônia, território explorado por brasileiros; ainda em 1902, peruanos voltam à foz do Amônia, instalam postos militar e aduaneiro e dão ao lugar o nome de Nuevo Iquitos, atual Vila de Taumaturgo; em 1904, soldados do 15º Batalhão de Infantaria e os seringueiros locais, travam combate com as forças peruanas do posto militar do Amônia, expulsando-os definitivamente da região; ainda em 1904, instalação do Posto Fiscal brasileiro na foz do Amônia; 1905 fundação da Vila Taumaturgo e em 1909, tratado de limites com o Peru - do livro, 80º Aniversário de Cruzeiro do Sul - 22º da Emancipação Política do Acre, publicação da Prefeitura de Cruzeiro do Sul.

A história da ocupação do Acre é recente, e como a presença dos grupos indígenas no rio Amônia está ligada à história da ocupação extrativista, é a partir deste período que temos as primeiras informações disponíveis.

Fazendo parte do território peruano, os índios tiveram na colonização espanhola, seus primeiros alcoses, até que definido os limites internacionais, ficaram sujeitos às frentes brasileiras.

Segundo Samuel Pianco, índio Kampa natural do Ucayali e entre os mais antigos Kampa estabelecido no Amônia, a região deste rio era habitado primeiramente pelos AMOACA. Os Amoaca, na defesa do seu território, promoviam permanentes ataques aos peruanos, à noite, quando estes acampavam na beira do rio. Porém foram mortos e banidos pelos peruanos, havendo informações da presença deste grupo nas cabeceiras do Juruá. Alguns que sobreviveram

Pianco

no Amônia, miscegenaram-se com os Kampa e outros grupos como Xama e Santa Rosa, compondo a população indígena atual.

Os Kampa foram utilizados nas "correrias" contra os Amoaca que, segundo informações do próprio Kampa, continuam como índios arredios nas cabeceiras do Juruá, entre o Brasil e Peru. Os Kampa se prestaram bem a este tipo de serviço, pelas suas qualidades guerreiras, e até hoje mantêm restrição aos Amoaca, considerados brabos pela sua cultura ainda de nudez.

É possível ao Samuel Pianco, identificar antigas capoeiras dos Amoaca ao longo do rio Amônia. Ao mesmo tempo que contam do perigo de encontro com algum índio dessa tribo nas matas do Juruá, pudemos encontrar entre os Kampa, uma foto onde se via um Amoaca em visita a uma maloca Kampa, vestindo um Kusma, roupa em algodão típica dos Kampa, o que denuncia, na vida ou na morte, momentos de história comum.

Tratando-se de terras até pouco tempo, desconhecidas dos brancos, habitadas por grupos indígenas, é fácil imaginar a possibilidade de perambulação dos Kampa, por terras próximas ao seu local de origem, cujas cabeceiras dos rios correm em direção à bacia do Amazonas.

Segundo Taumaturgo Kampa, seu pai, Kampa natural do Ucayali, foi dos primeiros a se estabelecer no rio Amônia, entre os atuais Kampa brasileiros. O seu nome em português era João Maria de Azevedo e estabeleceu-se no local denominado Fogão de Pedra. Seu pai contava sobre as batalhas entre o Peru e o Brasil, ocorridas onde hoje é a Vila Marechal Thaumaturgo.

Vieram com João Maria seus irmãos solteiros, Gregório, Mateus, Euzébio e Basílio. Gregório, Mateus e Euzébio, posteriormente voltaram a terras peruanas; Basílio casou-se e ficou com o grupo de João Maria.

Taumaturgo Kampa, hoje com 56 anos, nasceu de mãe Amoaca, em Fogão de Pedra. Quando tinha 10 anos, já morava no Remanso, onde hoje se estabelece o ocupante Nanci, de Cruzeiro do Sul. Foi o grupo de João Maria que desmatou e plantou algumas fruteiras que estão nesta área. Foi com 10 anos que, junto com o pai, deslocou-se para onde hoje é a Vila de Taumaturgo, para trabalhar a chamado de um patrão de nome Isaque. Morreu o Isaque, ficou seu filho como patrão que posteriormente foi embora. O pai de Taumaturgo, morreu em 1947 e é enterrado na Vila, o que provoca o deslocamento dos índios de volta ao Remanso. Taumaturgo tinha nesta época 18 anos e estavam com ele, a mãe, o Basílio e mulher, e as irmãs Ana Rosa, Maria Rosa e Madalena. Durante um ano, ficaram no Remanso, quando chegou mais um grupo Kampa - o finado Agosti

B. S. M. S.

nho e Samuel Pianco. Ainda não havia brancos no Remanso.

Um surto de sarampo e hepatite, matou todos os filhos de Taumaturgo, que enterrando-os no Remanso, retirou-se para as proximidades do igarapé Taboca, onde mora até hoje.

A família de Taumaturgo Kampa:

Pai - João Maria (Kampa) - se a idade de Taumaturgo estiver correta, deduzimos que João Maria morreu em 1947, na Vila de Taumaturgo. Nosso informante não sabe a idade do pai, nem quando o mesmo chegou ao Amônia; é possível que tenha presenciado as lutas Peru/Brasil de 1902, das quais dava notícias aos filhos.

Mãe - Maria Anita (Amoaca) - enterrada acima do Remanso.

Ana Rosa - irmã, casada com branco, mora no Amônia, nas ceu no logão de Pedra.

Maria Rosa - irmã falecida.

Madalena - irmã, mora em terras peruanas.

Taumaturgo nasceu em 1929; em 1939 estava no Remanso; 1947 com a morte do pai, saiu da Vila e voltou para o Remanso, em 1948 saiu do Remanso e se estabeleceu no igarapé Taboca.

Quando houve o surto de sarampo, os brancos estabelecidos na Vila, aconselharam aos Kampa subir o rio para não contraírem a doença, e fizeram o que consideramos o primeiro ajuste de terras entre índios e brancos no rio Amônia: ali é o limite dos seringais. A área acima, não havendo ocorrência de seringueiras, constituiu-se de exploração de madeira, sendo abundante o cedro e aguano. Como o modo de vida dos índios era incompatível com a exploração de borracha, por causa das roças e criações de animais que promovem, os brancos, na pessoa de Francisco Mariano, estabeleceu que ficariam com a área de seringal e os índios com o resto, ou seja, a parte alto do rio Amônia.

Os Kampa do Amônia, não se interessavam pelo trabalho de exploração da borracha, porque já tinham sido aplicadas no trabalho na exploração da madeira pelos peruanos. Mesmo se não tivessem sido estimulados a sair do Remanso, com a morte de 22 pessoas, na maioria crianças, eles teriam saído por conta própria, pois no local onde morrem e são enterrados os Kampa, seus parentes não permanecem. Mas ao invés de baixarem, subiram o rio conforme trato com os brasileiros.

O segundo ajuste na ordenação de domínio de terras entre índios e brancos no rio Amônia, se dava na atualidade, quando os patrões, en

ESM

tre eles NANJI, ocupante do Remanso, sujeria que a área dos Kampa, iniciava-se na foz do Amoninha até o Peru, justificando a exploração indiscriminada de aguano e cedro que promove no igarapé Revoltoso.

Em 1948, quando ocorreu o surto de sarampo, o Samuel Pianco nem chegou a colher sua primeira roça, saiu das proximidades do Remanso para a foz do Revoltoso; um ano depois, saiu para a foz do Amoninha, onde está o ocupante de nome "Birrito". O pé de mangueira que se vê bem a frente foi plantado por ele.

Dois anos depois retirou-se para o igarapé do Onça, morando no centro; posteriormente deslocou-se para a margem do Amônia, onde hoje está e não pretende mais sair.

O finado Agostinho, tinha quatro filhos - Pedrilho e Mariquinha (mulher do Samuel Pianco), Madalena que faleceu e Dulcídio que atualmente mora em terra peruana.

A mulher de Agostinho morreu de gripe, e o viuvo saiu do Remanso e foi para o Revoltoso acompanhando o Samuel Pianco. Agostinho também morre de gripe e foi quando Samuel subiu para a foz do Amoninha. Pedrilho, filho de Agostinho, morava com Samuel Pianco no igarapé da Onça. Saiu para um local abaixo do Remanso, na margem oposta, hoje ocupado por Getúlio (branco). Dois anos depois, subiu para o local denominado Primavera, onde mora o ocupante Francisco Pereira; ficou três anos e deslocou-se para Bandeira, hoje ocupado por Paulo Bronzino; um ano depois, morou acima do marco Peru/Brasil, permaneceu um ano, nem chegou a colher sua roça e baixou para perto da casa de Taumaturgo, acima de Bandeira; ficou apenas um ano; não colheu roça que era enorme porque nem esperou amadurecer e saiu de novo, para o igarapé do Caranguejo; outra vez não colhe sua roça (01 ano) e vai para onde mora atualmente.

Outro grupo a chegar no rio Amônia foi a família do Simão em 1948, mas não ficou; seguiram para Noaia, no Peru, retornando este ano para junto dos Kampa brasileiros.

As últimas famílias a chegarem, foi este ano, no total de cinco. Estão com suas primeiras roças plantadas, são casais jovens, alguns sem filhos. Fizeram casas pequenas, tradicionais, familiares, enfileiradas para dentro da mata. Não falavam português.

Os motivos alegados para as atuais arribações, de maneira geral resumem-se na procura de melhor padrão, a impossibilidade de exploração de madeira no rio Sheshea por causa do arrombamento da represa que dava volume

BRASIL

ao rio para o descimento das toras, e a política peruana extremamente agressiva com as populações indígenas da selva amazônica.

Segundo o Antropólogo Arno Vogel, em seu relatório de 1978, a presença dos Kampa em território acreano parece remontar ao século XVIII.

"Desde o período colonial, os Kampa têm se constituído o grupo ameríndio de maior resistência sócio-cultural... Resistiram à dominação espanhola e as frentes extrativistas do século XIX e XX... A sua presença (no Brasil) é recente, cerca de 40 anos. (Da História à situação atual dos índios do Acre - Comissão Pró-Índio/CIMI; Rio Branco, 1982).

O artigo Campas en el Brasil - PROGRESO, LIMA, 17 (SI) Dic. 1983/Enc. 1984: 22-23, informa... "proviene de la selva central peruana, de donde, probablemente hace 60 años, se dirigieron al Brasil, extendiendo-se por los rios Envira, Amônia y Breu de la cuenca del alto Juruá".

A Antropóloga do DGPI, Mari Elizabeth Brêa Monteiro, em seu relatório sobre os índios Kampa situados no Estado do Acre - 1981 relata que "os índios Kampa pertencem ao tronco linguístico Aruak e, até o início deste século, ocupavam um extenso território que se estendia desde o alto Ucayali no Peru, até a bacia do rio Amazonas no Brasil... pressionados pelos cancheiros, migraram para o Brasil... - pág. 06.

A população Kampa no Brasil, está fixada nos rios Envira, Breu e Amônia. Deslocam-se ao Peru, afim de trabalho e visitar parentes, como também são utilizados como mão de obra pelos patrões no Juruá, Tejo e até rio Moa.

População - (Malocas e localização)

Relação das malocas encontradas no rio Amônia, por ordem de baixada, ou seja, do marco Peru/Brasil para baixo, denominando cada maloca pelo nome do homem mais velho, em torno do qual se agrupam parentes, famílias e casas.

- | | |
|--------------|---------------------------------|
| 1 - Pedrilho | 1.1. Pedrilho (Pedro Agostinho) |
| | 1.2. Samuel |
| | 1.3. Guilherme |
| | 1.4. Pedrinho (Pedro Garcia) |
| | 1.5. Paulo Macedo |
| | 1.6. Maria Sonia |

ESAMLS

Localização - marco Brasil/Peru, 04 casas, 06 famílias, 01 casa de farinha.

- 2 - Samuel Pianco 2.1. Samuel Pianco
 2.2. Cowide
 2.3. Alípio
 2.4. Bernardo (Jacanim)
 2.5. Arsênio

Localização - entre o igarapé de Tonho e da Onça, 04 casas, 04 famílias

- 3 - Bandeirão 3.1. Bandeirão
 3.2. Bandeirinha
 3.3. João

Localização - entre o igarapé da Onça e o da Carangueja, 03 casas, 03 famílias.

- 4 - Novatos 4.1. Luciano
 4.2. Juan
 4.3. Julio
 4.4. Robins

Localização - entre o igarapé da Carangueja e Macaco, 05 casas, 05 famílias.

- 5 - Ruela 5.1. Ruela
 5.2. Manoel
 5.3. Manoel Saldanha

Localização - igarapé da Carangueja

6 - Antonio Pianco

Localização - igarapé Macaco (uma ilha), 02 casas

- 7 - Paroto 7.1. Paroto
 7.2. Jaime
 7.3. Racô
 7.4. Fernando
 7.5. Mariano
 7.6. Simão

Esamã

Localização - entre boca do Amoninha, e o igarapé Chumbo, 05 casas, uma usada como depósito de arroz, 06 famílias.

- 8 - Quixare
- 8.1. Quixare
 - 8.2. Gilberto
 - 8.3. Timoteo
 - 8.4. Barron

Localização - Amoninha, afluyente do Amônia, porém encontram-se morando junto com o Paroto. Quixare estava trabalhando no rio Tejo.

9 - Julio

Localização - Amoninha, 02 casas

- 10 - Taumaturgo
- 10.1. Taumaturgo
 - 10.2. José Macedo
 - 10.3. Julio Guerra
 - 10.4. Raimundo
 - 10.5. José Valdivino
 - 10.6. Antonio Avelino

Localização - imediações da foz do igarapé Taboca, 06 casas, 06 famílias.

- 11 - Cláudio - igarapé Banana Roxa
- 12 - Francisco Penedo Flores
- 13 - Francisco Macedo
- 14 - José Basílio
- 15 - Sabino Valdivino Batista
- 16 - Major
- 16.1. Major
 - 16.2. Odon - 02 casas
- 17 - Carlito - igarapé Montivideo
- 18 - Chipiu - igarapé Montivideo
- 19 - César Romão - rio Arara
- 20 - Manoel Paroto - foz do rio Arara

3.1. Detalhamento

- 1 - Samuel - 23 anos
local de nascimento - Bacapisteya - alto Juruá - Peru
 - Luiza - 20 anos
 1. Edário - 04 anos
 2. Moisés - 03 anos
 3. Sem nome - 04 meses

- 2 - Guilherme - 23 anos - apresentou Registro Civil de la Comunidad Nativa Nueva Esperanza - Peru, igarapé Sheshea - Ucayali - Está a dois anos no Amônia.
 - Maroja - 20 anos - natural do igarapé Sheshea, está a dois anos no Amônia.
 1. filho sem nome - 02 anos
 2. filho sem nome - 03 anos

- 3 - Pedro Agostinho (Pedrilho) - 70 anos - nasceu em Sheshea
 - Margarida - 45 anos - nasceu no Amônia (Amoaca, irmã de Taumaturgo)
 1. João - 16 anos
 2. Luiz Carlos (Careca) - 14 anos

- 4 - Paulo Macedo - 31 anos
 - Maria Helena - 25 anos
 1. Maria Marcia - 02 anos
 2. Rosenilda - 05 anos
 3. Gelson (Preto) - 11 anos

- 5 - Mário Sória - 31 anos - nasceu na foz do Tejo (Brasil)
 - Estelita - 18 anos - nasceu no Juruá
 1. Águila - 01 ano

- 6 - Pedro Garcia Campos (Pedrinho, filho do Pedrilho) - 28 anos, nasceu na foz do Revoltoso (Amônia)
 - Maria Terezinha - 20 anos - nasceu em Sheshea

ESANT

1. Antonio - 03 anos
2. Maria Rosilene - 07 anos

Estas famílias moram próximas, em torno de Pedrilho, o mais velho, que por sua vez vive sob a influencia do Samuel, mais velho que Pedrilho, considerado Curaca dos Kampa que residem nestas imediações.

Quando chegamos, o Pedrilho com sua mulher, estava trabalhando para o Birrito (branco) colhendo arroz, na foz do Amoninha. Tivemos oportunidade de conversar com ele, por ocasião do levantamento fundiário junto ao Birrito. O Pedrilho e Margarida estavam muito a vontade na casa do Birrito, pareciam ter um bom relacionamento, mas não deixaram de se queixar, de pagamentos irrisórios ou que não se efetivaram. Os dois não usam kusma, falam português e logo depois ao nosso encontro subiram o Amônia em canoa, acompanhados do filho solteiro Careca.

A Margarida tem o rosto tatuado em genipapo, em forma de dois riscos saindo dos cantos da boca em direção as orelhas. Diz um Kampa, que ela tatuou-se para semelhar-se aos Kampa, pois na verdade Margarida é Amoaca (filha de Amoaca/Kampa).

Não conhecem a FUNAI. A Margarida disse: "Fala lá para o seu FUNAI, que qualquer terra que ele quizer dá prá gente tá bom, mas nós preferimos para o lado do rio Arara".

O marreteiro Nego Bezerra, do qual todos os Kampas se queixam pelos abusos sexuais e econômicos que impõe às malocas Kampa, disse a Bororó (branco), que disse para Píti (branca, casada com Antônio Pianco filho de Samuel Kampa) que disse para o Pedrilho, que a FUNAI, ia por os índios para trabalhar para ela a troco de sabão, ou seja ia administrar o rio, escravizando os índios. Quando fomos fazer o levantamento na casa de Píti, ela chorando e lamentando, disse que o Pedrilho não estava satisfeito já que os brancos dos quais é amigo, iam ter que sair da área.

O pai de Píti é um dos ocupantes da área. A Píti tendo nascido e crescido no Amônia, casou com o filho do Samuel tendo morado alguns tempo junto com eles, até que no momento, está fazendo uma casa em madeira, no estilo regional em uma ilha de terras altas entre o Amônia e o igarapé Macaco. Parece que ela interfere sobre o grupo de Samuel, e nos pareceu que explorava emocionalmente os índios com relação a possível saída dos brancos, consequentemente, seu pai. Junto com ela, morava um sobrinho e é ponto de

parada de brancos.

Nosso informante, bem como o ocupante de nome Fausto, não gostam de Píti, porque acham que ela quer ser a chefe dos índios. Duas pesquisadoras da Universidade de Campinas, hospedaram-se na sua casa, utilizaram-na como informante e deixaram as sobras de medicamento com ela para que na necessidade, medicasse os índios.

Interessante notar que os filhos da Píti, usavam Kusma, brincavam com flexas como uma criança Kampa comum.

Quanto ao Fausto, estava tendo problemas com os índios da maloca do Pedrilho. Considerava as terras como sua, mas os índios disseram que foram se estabelecer naquele local, a chamado do Samuel Kampa, para quem trabalham.

O Fausto não gostou do local onde fizeram a roça e não gosta que o Pedrinho (filho do Pedrilho) caça com cachorros porque espanta a caça.

Ninguém esperava que a FUNAI, fosse aparecer no rio Amônia e sendo assim, alimentavam a esperança de manter uma animosidade com relação aos índios, quando não, uma relação de trabalho extremamente favorável para os patrões com capacidade de se por como fornecedores de bens industrializados, em troca de uma super-exploração de trabalho. Fausto é o ocupante mais avançado para dentro do rio, e tem como companheira uma cabocla Jaminawa; e uma filha casada com um Kampa, daqueles como o Taumaturgo, Margarida e outros, que não usam Kusma e têm uma apresentação diferenciada dos Kampa tradicionais.

Porém na nossa passagem, o Fausto já estava disposto a sair. Estava fazendo um negócio com um Kampa em troca das suas benfeitorias.

A situação era de irritação mútua, tanto o Fausto como os índios, reclamavam e os índios pediram a saída do Fausto.

Fato curioso é que já o Taumaturgo, nosso informante, não se dava com os índios da maloca do Pedrilho, especificamente o filho, o Pedrinho. Ficava conosco mas desaparecia em busca de alimento na casa do Fausto, onde passava o tempo. Frequentava comumente a casa dos parentes, por parte da irmã (casada com Pedrilho) evitando a casa do Pedrinho (filho do Pedrilho).

É flagrante a diferença entre a casa do Pedrilho e do seu filho Pedrinho. Este estabelecimento, foi o primeiro contato do levanta

Faint

mento propriamente dito que fizemos, após chegarmos a casa de Taumaturgo e convidá-lo para nos acompanhar. Resolvemos subir direto para a maloca próxima ao marco, e vir baixando e visitando todas as demais, pois os Kampa não constituem um aldeamento único.

São duas casas grandes, paralelas, um pátio no meio. São de paxiuba, sobre esteios, cobertas de palha em quatro águas. Uma é do Pedriho, e mora além dele, sua filha casada com Paulo com 03 filhos. A outra casa com o fogo no chão, sob uma puxada, é a casa do Pedrinho. A outra, o fogo é dentro da mesma, onde foi feito uma base de barro sobre a paxiuba para receber a lenha.

Quando chegamos, o Pedrinho, o Mário e o Jacamim, estavam sentados como se reunidos na paxiuba da casa e todos a rigor como manda o figurino Kampa-Kusma, Txiõsxique (colares enormes transversais) lenços no pescoço, bolsas a tiracolo para carregar fumo, e o elegante corte dos cabelos.

A primeira casa nos recebeu bem porque eram parentes do Taumaturgo, esta nos recebe com desconfiança apesar de nos chamar mais a atenção. Nesta ocasião, o Samuel Pianco e o Jacamim, estavam de passagem pela casa do Pedrinho. O Samuel Pianco ocupa um lugar de destaque entre os Kampa do Amõnea, por ser idoso, e dominar o ayuasca, através do qual efetua cura entre os parentes. O Pedrinho o apresentou como Curaca, porém vamos ver mais na frente, que é o próprio Samuel que informa da impossibilidade de haver Curacas entre os Kampa do Amõnea, tal como se apresenta no Peru.

O Mário estava recém-casado, ainda não tinha sua casa. As mulheres usavam Kusma, diferente do Kusma masculino - é mais curto, em gola canoa (o masculino a gola é em V), e possui aplicações no ombro que desce até as mangas. Às vezes, estas aplicações (contas, sementes, penas, podendo ter alguns objetos alienígenas como tampas de pasta de dente) podem estar aplicados nas tipóias de carregar crianças. Estes enfeites, para os homens, são usados apenas nos colares.

Os colares dos homens, além do efeito estético, servem para sustentar o Kusma quando se deseja diminuir o comprimento levantando as pontas. Geralmente, quando vão entrar na mata, tiram seus Kusmas, usando apenas os calções que têm por baixo, os Kusmas, servem também, para cobrir os pés contra mosquitos, quando o índio está sentado.

A princípio, a única diferença entre os moradores das duas casas, seria a pureza da raça e manutenção do costume, que os Kampa pre

[Handwritten signature]

sam muito. Como dizem, não somos índios, não somos caboclos, somos Kampa. O Kampa originário de miscigenação com outros grupos indígenas, são diferentes, tendendo mais para o tipo brasileiro no vestir e morar, e estão especialmente separados dos outros. No alto, ao todo são 04 casas - uma do Samuel, uma do Guilherme, a do Pedrilho e a do Pedrinho.

As roças são familiares, mesmo quando o trabalho é conjunto. Há no local uma casa de farinha.

Este local de residência fica bem próximo ao marco Peru/Brasil e é de difícil acesso, por causa de inúmeros paus no leito do rio, que nestas alturas está bem pequeno. Chega-se aí somente em canoas. Os marreteiros, param na foz do Amoninha e fazem o percurso em canoa. Encontramos na casa do Pedrinho dois objetos estranhos: um carrinho de bebê e uma sombrinha de criança. A sombrinha é utilizada contra o sol nas viagens de canoa e são os marreteiros que trazem, as vezes até de encomenda pelos índios.

Pedrinho comprou a sombrinha do marreteiro Nego Bezerra, entre outras coisas.

O Pedrinho queixa-se de já ter pago sua dívida e de Nego Bezerra atestar que não.

Nego Bezerra não trabalha com notas ou recibos que possam atestar qualquer transação com os índios. Possui apenas um caderno, onde anota o nome do índio e o total da dívida. É o que paga os preços mais baixos pela madeira e cobra os juros mais altos pelo atraso de pagamento, além de trabalhar com cachaça.

Por morarem próximos ao marco, os índios da maloca do Pedrilho, caçam tanto do lado brasileiro quanto peruano; macacos, jacarés, anta, porcos do mato, jabuti, etc. Utilizam arco e diversas flechas para variados tipos de caça, como também arma de fogo quando há munição.

Plantam algodão, milho e feijão para os quais possuem as próprias sementes, guardadas em garrafas; mandioca e banana, também com suas próprias, e arroz com semente comprada dos branco. Pretendem daí, tirar as suas sementes para próximos plantios. É raro encontrar enchadas, entre eles, usualmente utilizam terçados e machados.

Criam galinhas, patos e perus para os quais reservam parte da produção de milho. Criam também muitos cachorros, usados nas caças e animais como jacamin, periquitos, tucanos etc.

Deste local, há um varadouro até o Amoninha, afluente do

Beza

Amõnea, onde moram alguns Kampa; em direção ao Peru, ao todo podem utilizar quatro varadouros. Os cemitérios encontrados neste alto, estão localizados na foz do Amoninha e no Fogão de Pedra, entre o varadouro do Amoninha e a casa do ocupante Fausto. Procuram enterrar os mortos em locais distantes e não gostam de conviver com os sinais da existência do falecido, como pertences, roça, casa, o que os leva a abandonar o local. Os cemitérios encontrados, são todos pequenos, como se não retornassem para enterrar outros mortos. A agregação de famílias, parece atender alguma conviniência que, desaparecendo desloca uma família, ou se esta divide uma casa, poderá constituir a sua em outro local. De qualquer forma, observamos que a população Kampa é extremamente móvel, chegando a abandonar sua roça, quando deseja mudar o local de residência. Estes locais de residência são grupos familiares, que se estabelecem em torno de um casal de origem, cujo homem mais velho domina a casa maior.

7 - Samuel Pianco - 80 anos, nascido em Sheschea

- Mariquinha - irmã do Pedrilho, nasceu em Sheshea

8 - Arsênio - 50 anos

- Anita - 30 anos - filha de Samuel

1. Pixedere - 01 ano

2. Vaneco - 07 anos

3. Tchobnco - 06 anos

4. Bizarria - 05 anos

5. Marlene - 03 anos

6. Nina - 14 anos

9 - Cowide - 20 anos

- Ilda - 18 anos

1. Mauro - 03 anos

10 - Alípio

- Joana

1. Fernandes - 05 anos

2. Maria Mambuca - 06 anos

3. Derleni - 02 anos

11 - Bernardo (Jacamin)

- Tchoniento

São quatro casas, sendo a do Samuel, a maior. Arsênio e Anita têm sua casa no centro do igarapé onça.

Samuel Pianco é a pessoa mais importante, em torno do qual vivem os demais. Com experiência no uso do ayuasca, domina a entidade através do qual se faz as curas dos doentes. Samuel disse que curaca é aquele que consegue reunir homens para trabalhar e tem condição de mantê-los com rancho e mercadorias. Como no Amônia, não há muitos homens, nem há condição de abastecimento de mercadorias em quantidade, é difícil o estabelecimento de um Curaca. Este chefe de turma, que aparentemente vive de prestígio, de poder de aglutinação, existe no Peru; não sabemos se apresenta como um traço original da cultura do grupo ou já é uma transfiguração em direção à figura dos patrões brancos. Assim como o Samuel, Quixare e Taumaturgo, são outros que conseguem manter algumas famílias sob a sua influência, tanto pelo trabalho como pelos laços de parentesco.

Samuel considera de seu domínio, do igarapé Onça até o igarapé de Tonho. Os igarapés são fundamentais, para o trabalho, pois é por onde rola a madeira do centro até as águas do Amônia, quando são entregues ao marreteiro ou patrões.

Não trabalham fim de semana, quando é tempo de tomar caçuma (piarentsi), tocar flauta e tambor, cantar e dançar em torno da casa; ou então tomar caçacha, dançar forró ao som de pequenas eletrolas trazidas pelo marreteiro. Os discos e eletrolas têm péssima conservação e das várias eletrolas, apenas uma não estava encostada e em condições de funcionamento.

Criam galinhas e para tal fazem seus galinheiros, evitando a ação dos gaviões.

Entre as frutas que têm, encontramos côco, goiaba, mamão e cana.

Há neste local um minador de água, que utilizam para beber, e um campo de futebol.

12 - Bandeirão - 40 anos

- Julieta - filha de Samuel

06 filhos

Handwritten signature

- 13 - Bandeirinha - 30 anos
- Lourencinha - 03 filhos

Bandeirão e Bandeirinha, moram no centro do igarapé Onça, estão atualmente com suas famílias no Peru.

- 14 - João - 22 anos
- Rosa - 18 anos
1. Tani - 01 mês
- Cristovão (Jacaré) - solteiro

- 15 - Luciano - 23 anos, natural de Sheshea,
- Ana - 21 anos, nasceu em Sheshea
1. Sonia - 05 anos
2. Pelore (masculino) 03 anos

- 16 - Juam - 21 anos, natural de Sheshea
- Chica - 22 anos
1. Mucheno - 04 anos
2. Changama - 01 ano

- 17 - Robins - 38 anos
- Pioque - 25 anos
1. Nauancha - 02 anos
2. Carlo - 06 anos

- 18 - Julio - 19 anos
- Adélia - 18 anos

Luciano, Juan, Julio e Robins, são as últimas famílias que chegaram ao Amônia, em 1985.

- 19 - Rula - 50 anos, a 02 anos no local morava antes no Caipora-Juruá.
- Caarina - nasceu no Caipora

3185/25
19
M

1. Fernando - 06 anos
 2. Pipi (feminino) - 10 anos
 - Riquile (neto) - 06 anos
 - Aratino (neto)
 - Locho (neto)
- 20 - Manoel
- Fátima
 - 1. Terezinha - 11 anos
 - 2. Maria - 07 anos
 - 3. Maurício - 08 anos
 - Manoel Saldanha - separou da mulher, os filhos estão com o avô Ruela, estava morando com as famílias de novatos.
- 21 - Antonio Pianco - natural do Amônea
- Francisca Soares da Silva (Píti) - branca
 - 1. Francisco - 15 anos
 - 2. José - 14 anos
 - 3. Isaque - 13 anos
 - 4. Maudete (masculino) - 10 anos
 - 5. Maria - 08 anos
 - 6. Valdete (masculino) - 07 anos
 - 7. Alixandrina - 04 anos
 - 8. Valdeci - 03 anos
- 22 - Julio - 40 anos, natural do alto Ucayali, está a 3 anos no Amônea.
- Aldenora - 31 anos, natural do Amônea
 - 1. Marco - 01 ano
 - 2. Julio - 06 anos
 - 3. Adélia - 08 anos
 - 4. Cecília - 13 anos
- 23 - Miguel Paroto - 56 anos, natural do Juruá (Brasil)
- Ondina - 30 anos, natural do Juruá

[Handwritten signature]

1. Hernam - 06 anos
 2. Luzia - 07 anos
 3. Rosa - 09 anos
 4. Sofia - 15 anos
- Nora (neta) - 10 anos
Paroto estava trabalhando no rio Tejo.
- 24 - Jaime Bandeira - 22 anos, natural do Amõnea
- Rosa - 21 anos, natural de Sheshea
 - 1. Sergio - 10 anos
 - 2. Rosanha - 07 anos
 - 3. Diana - 06 anos
 - 4. Ana - 04 anos
- 25 - Racõ - 35 anos, natural de Sheshea
- Rosinha - 23 anos, natural do alto Juruã
 - 1. Raimundo - 15 anos - irmão de Racõ
- 26 - Fernando Torres Rios - 32 anos, natural de Sheshea
- Olvita Tereza - 32 anos, natural do Ucayali
 - 1. Mario Torres - 16 anos, natural do alto Juruã
 - 2. Valvina Olvita - 02 anos, natural do Amõnea
 - 3. Olga Olvita - 06 anos, natural do alto Juruã
- 27 - Mariano - 45 anos, natural de Sheshea, estava tirando madeira no Amoni
nha, onde residem.
- Madalena - 02 filhos
- 28 - Gilberto - 37 anos, natural de Serra Apurina
- Helena - 22 anos
 - 1. Mariveria - 01 ano
moram no Amoninha.
- 29 - Timotéo - 45 anos, moram no Amoninha

ESANT

- Erita - 33 anos, natural de Sheshea
 1. Manoel - 04 anos
 2. Ererinha - 01 ano

- 30 - Carlos Quixare - natural do rio Breu
 - Ana Neria - 39 anos, natural do rio Breu
 1. Ananias - 11 anos
 2. Anita - 03 anos

- 31 - Miguel Borron - 46 anos, natural do Breu
 - Natalia - 12 anos, natural de Sheshea, filha de Quixare moram no Amoninha.

- 32 - Simão - 52 anos, natural do Juruá (Brasil)
 - Anã Guéria
 1. Ana
 2. Célia
 3. Marmude
 4. filha sem nome

- 33 - Robero - está trabalhando no Peru
 - Olorinda - filha de Simão, mora com o pai
 1. Marreinha

- 34 - José Macedo - 57 anos, natural do Amonca, o pai era baiano e a mãe Xama.
 - Ana Rosa - 60 anos, natural do Amõnea, irmã de Taumaturgo
 - Maria - 04 anos (neta)

- 35 - Julio Guerra - 32 anos, natural do Peru, está a 06 anos no Amõnea, é De legado do Sindicato Rural de Cruzeiro do Sul no rio Amõnea.
 - Adélia - 22 anos, natural do Amõnea
 1. Julio - 02 anos
 - Mauro Berna - 42 anos, separado da mulher, mora com Julio Guerra.

[Handwritten signature]

- 36 - Taumaturgo de Azevedo - 56 anos
- Joana Aldenora Pinheiro - 22 anos, natural do Amõnea
 1. Maria Ema - 03 anos
 2. Taumaturgo Filho - 05 anos
- 37 - Raimundo - pai Kampa e mãe Xama, sobrinho de Taumaturgo
- Dora (branca) filha de criação do ocupante Fausto
 - 1 filho de 01 mês
- 38 - José Valdivino Batista - 25 anos, filho de pai Kulina e mãe Kaxinawa, nasceu no Tejo
- Maria Moreira de Lima - 28 anos, nasceu no Tejo, igarapé Camaleão
 1. Maria de Fátima - 04 anos
 2. José Francisco - 03 anos
 3. Valdenade - 01 ano
- 39 - Antonio Avelino - 68 anos, nasceu no S. João do Breu, é descendente Santa Rosa, os pais eram do Equador, vieram do baixo Ucayali. A mãe morreu no Breu e o pai está enterrado no igarapé Montevidéo.
- Maria Macedo - descendente Xama, irmã do José Macedo, pai baiano e mãe Xama. Os pais voltaram para o Peru a 18 anos, parentes que vieram visitá-la trouxeram a notícia da morte do pai.
 1. José Antonio - 18 anos
 2. Rosa Maria - 19 anos - mora em Cruzeiro do Sul
 3. José Angelo - 12 anos
 4. José Davi - 11 anos
 5. Antonia Marizete - 10 anos
 6. José Rosildo - 09 anos
 7. Maria Dulcimari - 04 anos
 8. José Antonio - 02 anos
 9. José (neto), filho de Rosa
 10. Maria

Esant

40 - Claudio Paulo - 29 anos, natural de Ucayali, a dois anos no Amônia

- Elvira - 28 anos
- 1. Elso - 11 anos
- 2. Santa - 07 anos
- 3. Aldevir - 05 anos
- 4. Francisco - 03 anos
- 5. Joselene - 10 meses

Localiz ção - imediações igarapé Banana Roxa.

41 - César Romão - 36 anos, natural de Ucayali, mora a 06 anos no rio Arara, e a 15 anos no Brasil.

- Matchao - 26 anos
- 1. Ilda - 10 anos
- 2. Domingo - 11 anos
- 3. Francisco - 06 anos
- 4. José - 05 anos
- 5. Arnaldo - 02 anos

Encontramos com Claudio e César no Amônia, em uma canoa na beira do rio. Estavam recebendo mercadorias de um soldado enviado pelo cabo encarregado do Destacamento do 7º BEC, sediado na Vila Marechal Tau maturgo. Esses dois Kampa, eram contratados do cabo, para fazer limpeza de uma área na beira do rio, onde o cabo pretendia fazer um cultivo de seringueiras. O cabo estava pagando Cr\$ 80.000,00 por hectare trabalhado e segundo o sistema de trabalho da região, fornecia mercadorias debitadas na conta dos índios. Já tínhamos conhecido o cabo, e o mesmo pediu que informássemos sobre a área indígena, porque se sua área ficasse dentro, mandaria parar o serviço, pois não estava interessado em indenização.

César mora no rio Arara, e estava com a família na casa do Cláudio, por causa dessa empreitada.

Posteriormente, quando descíamos o rio, fazendo nosso trabalho de identificação, tivemos oportunidade de pernoitar na casa do Cláudio.

Chegamos ao fim do dia. César estava na rede com um filho, três crianças sentadas ao redor da lamparina, noutro canto outras crian

ças sentadas com a mãe, outra mulher estava na cozinha, separada da casa por um passadiço, preparando alguma coisa. Dois mosquiteiros armados, talvez para as crianças que dormem mais cedo.

Puxaram um banco baixo, quase ao nível do chão, conversamos e retornamos mais tarde com as redes, e as crianças já haviam dormido. Cláudio e sua mulher estavam em um canto, silenciosos. César e Matchao, descaroçavam algodão e mascavam íchico. Conversamos a noite toda, até acabar o serviço de algodão e as folhas de coca que são mascadas junto com um cipó e o pó de uma pedra que dá um gosto adocicado. Foi consumido também muito tabaco, em um cachimbo de madeira e osso de macaco. O Cláudio, vez por outra, dava alguns palpites.

César informa que a noite, quando juntos conversando, servem o que há; íchico, caçuma, cachaça, ou tabaco quando não há outra coisa.

Dormem em esteiras, armando por cima o mosquiteiro que é preso enfiando as pontas por baixo da esteira. Dá para dormir até uma família, pois forma uma barraca de bom tamanho.

No outro dia, na hora da refeição, que coincidiu com nossa hora de almoço, César, chama todos para comer curimatã moqueado com ma caxeira. O moquém estava no lado de fora da casa e havia muito peixe. Os peixes preparados envoltos em folhas, assavam no fogo da cozinha.

Os Kampa comem reunidos. O pai chama a todos para comer e se sentam em círculo, a comida perto da mulher que preparou e que distribui e serve sempre que necessário. Utilizam calderões de alumínio, pratos esmaltados, comem com as mãos.

As espinhas dos peixes vão sendo amontadas, à frente de cada um. Foi servido também ovas de peixe.

Já havíamos notado de outras vezes, que a vida familiar Kampa, é muito intensa, e equilibrada. As crianças estão sempre por ali, comendo frutas como mamão, cana, aprendendo o serviço de casa com a mãe quando menina, e o serviço do homem com o pai, ajudando-o a tratar uma caça que será entregue a mulher umas partes e outras partes para famílias agregadas.

A criação como galinhas, patos, jacamins, são tratadas pelas crianças em forma de diversão. Os meninos brincam com suas flexas mirim.

César nos conta, que quando chegou do Peru, tinha na boca alguns dentes de outro. Durante o novenário da Vila, um dentista de nome

César

Panta Pereira, residente em Porto Velho, e que tem uma irmã na Vila chamada Irani, insistiu em fazer um tratamento nos seus dentes. César recusou, mas foi vencido pela insistência do dentista. Panta Pereira, retirou as peças em ouro da boca de César, disse que ia consertar e nunca mais apareceu. É visível as falhas deixadas na arcada dentária deste índio.

De outra vez, César e Matchao estavam com uma filha de cinco anos doente. Apresentava desinteria, dor de barriga, barriga inchada, evacuando sangue, até que não podia mais urinar, evacuar, nem sentar. Estavam no rio Arara e procuraram a casa de Antonio Bezerra, com quem costumavam fazer negócio.

Antonio Bezerra preparou, cinza com água, e entregou a César, que dá a filha para beber. A criança abraçou o pai, não podia falar mais e morreu em seguida.

César ainda observou que a filha ia morrer, e o Antonio Bezerra achou graça.

César e Matchao disseram que esse acontecimento foi dois anos, e estavam interessados em que tomássemos alguma providência.

Com relação ao cabo do 7º BEC, assim que informamos ter ficado sua área, dentro da reserva, saldou o negócio com os índios, dispensando-os.

42 - Francisco Penedo Flores - 36 anos, natural do rio Amônia, filho de mãe Santa Rosa e pai Kampa (falecidos).

- Maria Lúcia - 35 anos, sobrinha de Taumaturgo

1. Terezinha - 14 anos

2. Alcides - 10 anos

3. Dora - 09 anos

4. Mário - 06 anos

- Francisco Rodrigues - 79 anos, pai de Maria Lúcia

- Guilherme Rodrigues - 23 anos

Moram a 30 anos neste local.

43 - Francisco Macedo - 30 anos, mãe Kampa e pai baiano.

- Izaura - 22 anos, filha de José Basílio

1. Tiana - 05 anos

3025/01
26
MM

- 2. José - 08 anos
- 3. Francisco - 02 anos

- 44 - José Basílio - 43 anos, pai Xama e mãe Kampa
 - Maria Mercedes - 51 anos, é cabocla mas não sabe a origem
 - 1. Maria Laura - 18 anos
 - 2. Maria Cleuide - 15 anos
 - 3. Cleonice - 09 anos
 - 4. Cremilda
 - 5. Manoel Cosme - 06 anos
 - 6. Edson - 02 anos

- 45 - Sabino Valdivino Batista - 70 anos, nasceu no Tejo, filho de pai Kulina e mãe Jaminawa
 - Nadir - Jaminawa, nasceu no Bagê
 - 1. Raimundo
 - 2. Francisco
 - 3. José Francisco - 02 anos
 - 4. Zeca
 - José Francisco (neto)
 - José Roberto (neto)
 - Raimundo Nonato (genro)
 - Maria
 - Francisco
 - Laurinda (Kampa) sobrinha de Taumaturgo
 - 1. Panto - 06 meses

- 46 - Antônio Moreira dos Santos (Major) - nasceu no Tejo
 - Julieta - 27 anos, filha de Taumaturgo
 - 1. Antonio Neto - 11 anos
 - 2. Rosângela - 09 anos
 - 3. Denison - 08 anos
 - 4. Jesuila - 06 anos
 - 5. Maria José - 03 anos
 - 6. Ruemiston - 11 meses

FRANZ

3125/81
27
22

- 47 - Odon Rodrigues Alves - 47 anos
- Élida - 28 anos, filha de Taumaturgo
 1. José Francisco - 13 anos
 2. Maria Ancélia - 10 anos
 3. Sebastião - 01 ano
 - Josefa - 56 anos
- 48 - Carlito - nasceu no Breu, está trabalhando no Juruã
- Maria - nasceu no Breu
 1. Fátima - 12 anos
 2. Manoel - 16 anos
 3. Marisa - 06 anos
 4. menina sem nome - 09 meses
 - Alberto - 35 anos, irmão de Maria
moram a 06 anos neste local - igarapé Montívideo
- 49 - Chipiu - 50 anos, mora sozinho, está a 03 anos neste local, onde fica o limite da área, no igarapé Montívideo de Baixo.
- 50 - Manoel Paroto
- Pisquita
 1. filho sem nome
 residem na foz do rio Arara, e trabalham no igarapé Boca Vermelha, afluente do Arara, onde levantaram um Tapirí.

O rio Amônea divide-se em: área de exploração de borracha, da Vila Marechal Taumaturgo, subindo o rio até o igarapé Montívideo, onde se encontra a última colocação do seringal Minas Gerais; e daí, a área de exploração de madeira, onde se localizam os Kampa.

Esta última colocação do seringal Minas Gerais, denominada Montívideo, está ocupada por 04 famílias de índios, resultado da miscégenação, Kaxinawa, Santa Rosa e branco.

Estas famílias, como estão na área de borracha, ficaram fora da área Kampa delimitada, porque os Kampa não têm interesse na área de

[Handwritten signature]

seringal e nem se dão com estas famílias, consideradas pelos Kampa como preguiçosos, ladrões e feiticeiros, e chamados de modo geral de Kaxinawã. São eles:

1 - Maria Amélia Gomes - 40 anos, natural do rio Breu, mãe Kampa e pai Santa Rosa.

- José Gomes de Souza (branco) - 53 anos

1. Antonia - 04 meses
2. Antonia - 12 anos
3. Dorimar - 06 anos
4. José Railton - 08 anos

2 - Maria de Fátima - 19 anos, natural do Tejo, pai Kaxinawa e mãe branca

- Francisco Josimar (branco) - 21 anos

Localização - colocação Montivideo, do seringal Minas Gerais, igarapé Montivideo, 03 casas, 01 casa de farinha.

3 - Albertino Siqueira de Lima - 60 anos, Kaxinawã, pai de Maria de Fátima

- Maria (branca)

1. Geraldo Siqueira - 28 anos, natural do rio Tejo
 - Mariana - 07 anos, filha de Geraldo
 - Marinilza - 04 anos, filha de Geraldo
 - Ernildo - 05 anos, filho de Geraldo
2. Arnaldo - 16 anos, natural do rio Tejo
3. Reinaldo - 15 anos, natural do rio Amõnea
4. Ivani - 08 anos, natural do rio Amõnea
5. Maria - 07 anos, natural do rio Amõnea

4 - Bernardo - 27 anos, filho de Albertino Siqueira, natural do rio Tejo

- Elda (branca)

1. Marilena - 04 anos
2. José - 05 anos
3. Toinho - 09 anos
4. Maria Bernardina - 01 ano
5. Raimundo - 02 anos

[Handwritten signature]

Localização - Boca de Pedra, estão ai a 15 anos.

A população Kampa, contida na área delimitada, é constituída de um grupo diferenciado comandado por Taumaturgo, na parte baixa da área, e os Kampa tradicionais na parte alta. O grupo sob a influência de Taumaturgo, é o resultado da miscegenação de Kampa, Amoaca, Santa Rosa, e Xama.

Há uma nítida separação entre os dois grupos, cultural e espacial. O modo de vida do grupo de baixo é semelhante à dos brasileiros no que diz respeito ao vestir, construção das casas e a língua fluente é o português. Os Kampa tradicionais fazem restrições aos miscegenados e deculturados.

Realmente, há uma situação de cruzamento intertribal tão grande, que os elementos se autodenominam apenas caboclos, chegando a perder o elo de origem.

A maioria das idades levantadas, são aproximadas, com maior margem de erro para adultos. Os índios sabem com exatidão, apenas a idade das crianças.

4 - Os Kampa (ASHANINKA)

Os Kampa estão localizados em sua maioria, na região do rio Ucayali (Peru), mais precisamente nos afluentes Sheshea, Tamaya, Bacapisteya e cabeceiras do Juruá. Em terras brasileiras encontram-se em três grupos; do rio Envira, Breu e Amônea. Os Kampa do rio Envira tiveram sua área delimitada em 1976, porém até hoje não está demarcada, os do rio Breu vivem dividindo espaço com famílias Kaxinawá e ainda não foram visitados pela FUNAI.

Os Kampa do rio Amônea, perfazem um total de 256 indivíduos, em um total de 49 famílias, vivendo ao longo do rio, até as fronteiras do Peru. Não constituem uma aldeia única, encontrando-se em malocas espalhadas pela margem do rio.

Como vivem da exploração de madeira abundante na região, estão preferencialmente próximos à foz dos igarapês, por onde rolam as toras de aguano e cedro até o Amônea. Esta atividade é exclusivamente para atender a demanda de produtos industrializados.

A expansão da ocupação indígena no rio Amônea, foi conti

da pelas frentes seringalistas. Tiveram a oportunidade de chegar até a foz, mas como este movimento se dava em função de trabalho para patrões não se fixaram. Por outro lado, a mobilidade deste grupo, é significativa. Partem de repente, tanto por considerarem seu trabalho com brancos encerrado, como por motivo de morte entre eles. Quando acontece, enterram o parente e lhes é impossível continuar morando no mesmo local. Inclusive, se limitavam a dizer onde se encontravamos cemitérios, sem se disporem a ir ao local.

A direção do movimento dos Kampa, se dá no sentido alto Juruá : alto Amônia, vindo dos afluentes do Ucayali cujas cabeceiras dos afluentes fazem fronteira com os afluentes do Juruá. Os índios que moram no Amonina entraram pelo igarapé Tamaya; aqueles que atingem o rio Breu, pelo Juruá e chegam ao Amônia, por uma picada feita pelo Exército peruano, até o marco do rio Amônia.

A depopulação decorrente do contato com entidades mórbi das das quais os brancos são portadores, parece ter sido formidável, pois o que se ouve contar, tanto pelos índios como brancos, é que o sarampo, gripe, hepatite dizimou muitas famílias sem que nada pudesse ser feito. A última epidemia conforme informações colhidas, se deu em 1963.

De modo geral, não vimos ninguém imobilizado por doença. Havia febre e diarreia, e geralmente na população mais jovem. A água utilizada é a do rio.

Matchao aproveitou a nossa presença, para que lêssemos as bulas de todos os remédios que tinha. De modo geral, são os marreteiros que trazem remédios para o rio, compostos de analgésicos, vitaminas, pomadas, calmantes, antibióticos, vermífugos; remédios controlados, são oferecidos pelos marreteiros, sem o menor constrangimento. Matchao disse que tem crise de palpitação e azia; consultou na Vila e disseram que é sistema nervoso. Para o seu mal, toma sal de frutas e sonrisal quando tem.

Há uma demanda de remédios por parte dos índios, visível na manifestação de alguns, de forma estranha; não sabem o que têm, mas desejam um frasco de medicamento mesmo não sabendo o que é, para que serve.

Como os marreteiros trabalham com remédios de forma aleatória, talvez aí é que são aplicados da farmacopéia branca. Houve quem pedis

se anador. Utilizam também Azul de gensiana, para trabalho de parto.

A mulher do Pedrilho queixou-se de dor de cabeça na lua cheia. "É como um barulho de avião no ouvido", disse. Nessa crise, não pode falar com ninguém, até passar.

Encontramos uma menina com má formação nos pés, e a mulher do Samuel que não anda mais, só fica sentada e queixou-se de irritação nos olhos.

A base alimentar do grupo é mandioca e banana com fartura. Porém há muita fruta como mamão, goiaba, cana, limão, consumidas pelas crianças ao longo do dia. A carne consumida é de caça, não muito abundante, por causa do uso de cachorros nas caçadas e do trabalho de corte de madeira que leva muita gente para dentro da mata. A parte da área entre o Amõnea e o Arara, é onde usualmente caçam, por ser melhor de rancho.

Vimos alguns índios voltarem da caça sem sucesso. Normalmente, encontram macacos, houve aquele, que disparou sua munição para abater apenas uma pequena cotia.

A época de pesca é no verão. Neste período, os Kampa fazem tapiris nas praias, onde plantam melancia e se ocupam da pesca. Entre os métodos tradicionais, tem um particular onde capturam os peixes mergulhando e arpoando-os nos locais onde se escondem.

No período de inverno, as mulheres saem para os igarapês para mariscar. Voltam com peixinhos, caranguejos, moluscos e frutas silvestres como araçá.

Plantam milho, feijão, arroz, mandioca, e banana. A batata-doce nasce a vontade perto das casas em direção as margens do rio.

Tomam muita caçuma, feita de mandioca que pode ser doce ou azeda.

As casas são de paxiuba sobre esteios, por causa da humidade e alagação, sem paredes, cobertura de palha, com variações de tamanho, detalhes e número de águas. Podem ter vários acessos e saídas, feitas com troncos cortado em degraus. O fogo para cozinhar pode ser dentro da casa, para isso sendo feito uma base de terra cercado com tábua, como também pode ser no lado de fora da casa. A estrutura da casa é usada para pendurar os pertences.

A água é armazenada nos calderões de alumínio. Fazem panelas de barro, mas estão abandonando o costume, porque disseram que a comida demora a cozinhar e ainda gruda no fundo.

Toda casa tem sua gamela de caixuma, que é servida pela mulher que preparou, logo que chega uma visita. Entre a caixuma azeda que é mais alcoólica e a cachaça, preferem a cachaça porque se bebe menos e embebeda rápido. A caixuma tem que beber muito e faz urinar muito, disseram.

As crianças aprendem brincando: no arco e flexa, debulhando milho para a criação, fazendo bonecas com pano, ajudando o pai a esquartejar uma caça, ajudando a mãe a preparar um fígado para moquear, acompanhando as mães ao rio para lavar roupa.

Para subir nas casas, é hábito deixar o calçado quando tem, do lado de fora para não sujar a paxiuba, local onde se senta e dorme.

Parece que contam apenas até cinco, podendo utilizar os dedos, até os pés.

apane - um
apíti - dois
máwa - três
ospataca - quatro
apapacow - cinco
ochique - muito

Anotamos outras palavras:

patxacanhaque - a cabacinha onde guardam o ichicopane
ichicopane - pó de pedra
ichico - a pedra
quitárentsi - Kusma
piarentsi - caixuma
memeque - tipo de semente para artesanato

Fazem vários tipos de cestos:

1. tsivetarentsi - cesto para guardar algodão
2. tsívo - mala
3. cantsíri - panela

4. tsi amendotsi - peneira de caixuma

Outras palavras:

caniri	- mandioca
pãso	- cuia
reuwãntsi	- abano
ninguítsequi	- pulseira de contas
cotsurunaque	- panela de alumínio
cowítsi	- panela de barro
tiõshique	- colar
poqueta	- vem cá
pamineruka	- olha isso
ratana	- até logo
chõonaque	- pião (brinquedo de criança)

Os Kampa pertencem ao tronco linguístico Aruak, havendo entre eles pessoas que falam casteliano e português.

As mulheres confeccionam panelas de barro, esteiras, cestos, colares, pulseiras, bolsas e Kusmas; os homens, ubás, gamelas, flechas, arcos.

Os kusma é feito com o algodão que plantam, e para tingí-lo usam a casca do aguano que dá a cor avermelhada, e barro para a cor preta.

Na hora da refeição, o pai ou a mãe chama os filhos, todos sentam-se em círculo e compenetradamente, comem.

Os que sabem ler e escrever, vieram de uma colônia no Peru, onde há uma Missão.

Geralmente como não sabem ler, escrever e fazer contas, são ludibriados no comércio com os patrões e marreteiros, porém sentem que estão sendo lesados. Não lhes é possível argumentar de forma matemática para contrapor os cálculos apresentados pelos brancos.

Os Kampa são muito trabalhadores, reconhecem até os patrões e esforçam para dividir a vida em cuidar da família, da roça, da caça, pesca e corte de madeira para honrar as dívidas com os patrões mesmo quando sentem que já teriam pago a dívida, se não estivessem sendo enganados.

Os Kampa constituem a população mais autêntica na região do rio Amõnea, com sua personalidade forte, seu jeito próprio, costumes, tem

peramento, aparência física, jeito de cortar o cabelo, vestuário e apesar de toda pobreza e exploração, ostentam uma dignidade, honradez e nobreza nos seus compromissos e vida familiar imprecionantes.

Ao contrário, os regionais ainda são aqueles desbravadores, com sua aparência temporária, como exploradores quando patrões, preocupados com a acumulação primitiva. Os índios não; estão ali para viver, conviver, criar filhos, trabalhar. A roça quando é grande, é apresentada com o maior orgulho.

Os Cariu têm seus estabelecimentos no centro urbano, parentes, não possuem documentos de posse e reconhecem a terra como possivelmente indígena.

Os Kampa que moram mais embaixo, nas proximidades do Revoltoso, até o limite da reserva delimitada, já são diferenciados daqueles mais isolados pela distância, das proximidades da foz do Amoninha até o marco Peru/Basil. O nosso informante, que faz parte deste grupo, só podia se comunicar com eficácia, na língua aruaque, enquanto no baixo, utilizou, o português.

Não há possibilidade de haver Curacas da forma, como parece haver na amazonia peruana, porque o número de índios é reduzido e pobres, não há quem possa chamar em torno de si, homens para o trabalho e fornecer as condições em ferros, munições, roupas e rancho. O Taumaturgo tenta fazer em torno de si, este trabalho, com parentes que residem próximos, na sua maioria, índios que almejam um tipo de vida mais semelhante a do Cariu.

As roças estavam maduras, em período de colheita, não exigindo grande dedicação. Os regionais dizem que os Kampa têm a mão boa para plantar, pois colhem a mandioca e plantando em cima, conseguem uma mandioca de excelente qualidade.

Os mamoeiros estavam carregados, havia cana, muita goiaba e limão de cair e se perder, enfim, havia fartura de alimentos da terra. A escassez era de peixes, principalmente da grande porte e caça.

A pintura corporal, limita-se ao rosto, usando-se o urucu cuja cor vermelha cobre grande parte do rosto, como proteção contra os efeitos do sol, durante o trabalho da roça e viagens, segundo declaração dos índios.

As roças são geralmente pequenas, mas suficientes e localizadas nas imediações da residência. Quando há criações como porcos e car

neiros, as roças são mais distantes para evitar depredação destes animais.

Chamam de roça, toda a área de cultivo da mandioca, de pois mencionam a banana, cana etc.

A batata doce nunca é mencionada, mas é vista nas imediações da beira do rio, em meio a vegetação rasteira natural.

A propriedade é por cabeça do casal, um roçado tem a parte plantada de cada um. Mesmo quando vive agregado, alguma pessoa sem família, idosa, viuva ou solteira, tem o seu roçado.

A coleta de material para artesanato, é feita, durante uma caçada, ou armazenado na palha do forro da casa, quando se trata de peles e ossos de animais. O tipo de taquara para flechas, é mais abundante no lado peruano, porém é cultivado no Brasil e encontrado em menor escala, nativo em beiras do rio.

Durante o novenário da Vila, o padre distribuiu cruxifixos, que são vistos no pescoço de muitos índios. A cultura Kampa apesar da interseção de elementos alienígenas, ainda conserva muitos elementos intactos. Se faltar a munição e espingarda, o Kampa ainda pode caçar e pescar, porque utiliza arcos, e toda a espécie de flechas; se faltar a roupa industrializada, possuem sementes próprias de algodão que guardam em garrafas, "para fazer o Kusma, do milho também possuem sementes de índio". Apenas a semente do arroz, foi introduzidas pelos brancos.

A contribuição dos Kampa, nesta região do Brasil, tem sido essencial para a ocupação do lugar através da sua utilização nas "correrias" contra os antigos habitantes indígenas e posteriormente, na grande exploração do caráter nômade do grupo e seu desejo de acesso a produtos industrializados, se dispendo a trabalhar em qualquer local em troca de mercadoria. Com relação aos bens da terra, são auto-suficientes. Vimos em suas residências, máquinas de costura, malas para guardar roupas, eletrolas, sombrinhas, discos, viola etc. Algumas mulheres compram lona, na falta de algodão para fazer o seu Kusma.

O primeiro levantamento na área, foi feito pelo antropólogo Arno Vogel em 1978. Posteriormente estiveram entre os Kampa do rio Anônia Eleonore e Débora de Magalhães Lima da Universidade de Campinas, provavelmente pesquisadoras da área médica e com apoio do Campus Avançado da Universidade de Campinas em Cruzeiro do Sul.

Os índios dão notícia de Mauro Barbosa, que esteve fazen

do levantamento no Amônia e Tejo, sendo confundido como funcionário da FUNAI.

Em 1984, a Polícia Federal esteve na área, acompanhada de um Chefe de Posto da AJACRE, que pelas informações colhidas, faziam vistoria sobre a existência de drogas no rio. Fomos informados que arrancaram pés de coca, encontrados nos quintais das malocas indígenas. Talvez por isso, os Kampa atualmente são renitentes com relação a investigações de hábitos e costumes neste setor.

Faz parte dos seus costumes o uso do cipó ayuasca, muito comum no Acre e a utilização de folhas de coca no preparo do íchico. Conhecem outros tipos de plantas menos usuais e talvez mais fortes nos seus efeitos alucinógenos.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais, esteve na região do Amônia e Tejo, promovendo a sindicalização dos trabalhadores em geral, cuja Diretoria no período, foi afastada pelos patrões, conforme informações dos seringueiros. Por conseguinte, encontramos no Amônia, um Kampa Delegado do Sindicato, e alguns índios que efetuaram sua aposentadoria pelo FUNRURAL. Tau maturgo, periodicamente, vai a Cruzeiro, receber seu pagamento, outros não têm recebido, como o Samuel, por causa da distância.

A igreja católica, aparece na época do novenário da Vila, quando são feitos os batistérios dos índios, apresentados à guisa de certidões de nascimento.

Píti, como branca, nascida no Amônia, cujo pai é ocupante da área, exerce influência sobre o grupo de Samuel Pianco, cujo filho é seu marido.

Segundo o índio César Romão, o Destacamento do 7º BEC, costuma, apreender as armas dos índios, que são espingardas utilizadas para caça, compradas nos marreteiros ou incluídas no rol de mercadorias encomendadas em troca de madeira.

A FUNAI de maneira geral, é desconhecida pelos índios, só identificada pelos Kampa do rio Breu, que encontramos trabalhando para Getúlio do Vale, sub-delegado da Vila, no seu seringal do rio Juruá.

Estes índios ficaram conhecendo a FUNAI, através dos Kampa do rio Envira. Este grupo era de aproximadamente 35 pessoas e estavam alojados em um barracão de madeira, do barracão de Getúlio do Vale.

Encontramos também, outro grupo Kampa no rio Tejo, trabalhando para Antônio Vieira de Cruzeiro do Sul, em condições precaríssimas.

O curaca deles é o Quixare. Dois filhos do Quixare, estavam no Amoninha, tirando madeira para Antonio do Vale (Torvo), irmão do Getúlio do Vale, residente na Vila. Estavam acompanhados de dois filhos do Torvo.

Além desses, trabalham no Amônea, os irmãos Bezerra, Nego Bezerra e Pedro Bezerra como marreteiros, moradores do rio Arara e da Vila. Ambos trabalham com cachaça, e aproveitando a embriaguês dos índios, o Nego Bezerra invade suas casas para manter relações sexuais com as mulheres. Segundo os índios, os filhos dos ocupantes Pedro Borges, Loquinha e Chico Colô, também promovem invasões das suas casas com os mesmos objetivos.

Hélio Matos de Melo, trabalha para Abdul Karim Almeida, dono da Serraria São José em Cruzeiro do Sul, comprando madeira dos Kampa no Amônea. Abdul Karim, juntamente com Armede Camili, são as empresas mais fortes, nas mãos das quais no final das contas deve chegar toda a madeira retirada do rio Amônea.

José do Vale (Birrito) ocupante da foz do Amoninha e Nanci que tem uma posse denominada Primavera, também exploram o trabalho dos Kampa na retirada de madeira. Nanci está com uma derrubada de aproximadamente 500 madeiras, retiradas do lado brasileiro e peruano, nas cabeceiras do Revolto so, aguardando condições para o seu descimento. Segundo fomos informados, pelo volume da empreitada, será necessário a utilização de máquinas pesadas para a retirada dessa madeira.

Getulio do Vale, o sub-delegado da Vila de Taumaturgo, vendeu "suas terras" no Amônea para Abdul Karim, mas durante nosso levantamento no Cartório de Cruzeiro do Sul, o seu registro de propriedade emitido pela Prefeitura, está anulado, o que ao ser denunciado, provocou constrangimento entre as partes.

A economia Kampa é baseada no trabalho agrícola e no trabalho da madeira, cuja participação é exclusiva como mão de obra, pois de maneira geral a relação capital-trabalho no rio Amônea, impossibilita uma independência dos Kampa para explorar os recursos naturais da área que ocupam.

Com o isolamento da região, e sendo área de terras devolutas, torna-se um lugar sem lei e sem controle, onde todo mundo pode entrar e tirar madeira a baixo custo; pois não pagam imposto, não estão sujeitos a fiscalização do IBDF, e a mão de obra indígena utilizada é livre de qualquer encargo. E os Kampa cada vez mais pobres, sempre trabalhando, sempre devendo. E os marreteiros e patrões se arvoram como protetores dos índios, que

gostam dos caboclos, têm dó deles, socorrem quando há doença, mas são eternamente os exploradores da mão de obra indígena, atividade esta que lhes possibilita os investimentos na cidade. Se os Índios não desejassem as mercadorias dos brancos, poderiam sobreviver por conta própria, pois possuem boas roças, ainda caçam com flechas, confeccionam suas roupas e utensílios.

Já vieram do Peru aplicados no trabalho da madeira e no trabalho com patrões e é nesse sistema que encontram a possibilidade de acesso à cachaça, máquina de costura, espingardas, eletrolas, painéis de alumínio, sombrinhas, lona para fazer kusmas, linha para fazer tarrafas, munição, motor-serra, motor para embarcação, querozene, terçado, machado, tabaco, remédio, roupas, bolachas, sal, sabão etc.

Fazem suas despesas no marreteiro, ou fazem encomendas ao patrão, e pagam com madeira. Os patrões deduzem a preços altíssimos, o débito das mercadorias, fazem a cubagem da madeira de forma não confiável e geralmente impõem um débito na dedução final, para a manutenção de um sistema escravagista.

Antonio Vieira, em Cruzeiro do Sul, fez um contrato de arrendamento de terra, para exploração de madeira no rio Tejo. Arregimentou um grupo de Kampas e levou como mão de obra para fazer o serviço. Já de início, repassou o custo do arrendamento para a conta dos Índios. Um morador do rio, que lhe devia 450.000,00 lhe paga a dívida com uma roça de mandioca. Antonio Vieira põe esta roça a disposição dos Índios, como alimentação dos seus trabalhadores e coloca na conta ao preço de 650.000,00. Vai fornecendo a mercadorias que os Kampa solicitam, e pondo na conta a preço vil. No final, não teve gastos nenhum so lucro e os Índios sem saldo, individados e em péssimo estado de saúde.

Conversamos com Quixare, e o mesmo não sabia que estavam pagando a roça, disse que não pediram e que colhendo a mandioca, estavam plantando a maniva em seguida.

O patrão não tem nenhum compromisso com a sorte das famílias indígenas, que leva para outros lugares como mão de obra. A alimentação que fornece, é paga a preço aviltante pelo Índio, os arrendamentos são repassados na sua conta e não dão assistência a saúde.

O grupo do Quixare estava no rio Tejo a quatro meses, tindo madeira no igarapé Quatro Bocas. Havia entre eles um Índio com empaludismo e crianças com febre.

Para deixar em média de 40 a 50 madeiras, na beira do igarapé, a espera de água que dê para rolar até o rio, gastam por volta de dois meses. Vinte madeiras, dão por volta de 114 toras. Os preços pagos na região estavam assim:

aguano de 1ª - 80.000,00/m³ - 2ª, 40% de quebra
cedro de 1ª - 60.000,00/m³ - 2ª, 40% de quebra

Quixare é o Curaca das famílias que moram no Amoninha. Vimos nas contas e recibos tanto de Antonio Vieira, como de Torvo, toda a despesa do grupo em seu nome e encomendada por ele. As relações eram geralmente em grande quantidade - 15 calções, 20 panelas, 10 biquinis (calcinha) etc.

Taumaturgo é um Curaca entre os índios da parte baixa da área; da foz do igarapé Taboca até o igarapé Artur onde termina a área. Reclamou contra a exploração do Revoltoso, feita pelos brancos, com o Nanci a frente, em sociedade com Abdul, de Cruzeiro do Sul.

Taumaturgo se declara Curaca desse grupo, onde abriga índios Xama, Santa Rosa, sua família com algumas filhas casadas com branco, sobrinhos, Kampas etc. Quixare é um Curaca porque também, a gente ouve índios e brancos falarem. O Samuel Pianco é o Curaca do alto da área, ocupado por Kampas tradicionais.

Encontramos malocas menores, como a do Ruela por exemplo, onde se agregaram as últimas famílias vindas do Peru. Se o Ruela, coordenar o trabalho deste grupo, provavelmente será também um Curaca.

O termo Kampa foi imposto ao índio, por pessoas estranhas ao seu meio peruano e tem uma conotação pejorativa. Eles se auto denominam ashaninca, asheninca, nomatsiguenga, machiguenga, coquinte, segundo a região que habitam. Os ashaninca e asheninca habitam uma grande região que se estende desde a selva alta central do Peru, até o Brasil. No Peru, constituem uma das mais numerosas populações da amazonia peruana; aproximadamente 40.000 habitantes. Os primeiros contatos com os ashaninca datam do século XVII, principalmente com os missionários franciscanos.

5 - CONCLUSÃO

A Área Delimitada

Caracterização - Imemorial Indígena

A delimitação da área levou em consideração observações de caráter ético no sentido de redimir o sacrifício imposto à comunidade e viabilizar formas de organização típicas; de caráter econômico no sentido de possibilitar espaço viável à exploração agrícola e extrativista; e de caráter técnico, levando em conta a imemorialidade da ocupação do grupo e informações bibliográficas.

A proposta da área, é a soma dos estabelecimentos Kampa, que localizados por domínios de igarapés perfaz toda a área preterida pelas frentes extrativistas de borracha.

Face a mobilidade apresentada pela população Kampa, apresentamos uma área suficiente em espaço para assentamentos familiares, bem como estabelecimento de Tapiris durante a derrubada de madeira. Para este trabalho o sistema hidrográfico do Amõnea é de vital importância, na utilização dos igarapés como via de transporte das toras até o rio maior. Geralmente, o trabalho de madeira é feito nas cabeceiras e tende a acentuar-se na medida que se configurar uma situação de escassez.

As roças são feitas nas imediações das casas, a caça é praticada preferencialmente entre o Amõnea e o Arara, por ser mais abundante, mas também é feita do lado oposto, na região do Amoninha. Em alguns pontos, a caça como o corte da madeira, ultrapassa os limites territoriais brasileiros, mas de modo geral os Kampa são essencialmente ocupantes das águas do Amõnea e tributários. O afluente mais importante nesta ocupação é o Amoninha, onde reside e trabalha algumas famílias.

A concentração maior da população, se dá nas margens do rio Amõnea, mas encontramos famílias estabelecidas nos centros de alguns igarapés, no rio Arara e no Amoninha.

A cultura Kampa, é ribeirinha, não tanto pelo acesso à água, exencial à sobrevivência de qualquer grupo, mas pelo acesso aos seus frutos de verão: peixes, muito apreciados, tendo os Kampa desenvolvido técnicas próprias para obtê-los e o cultivo das margens de produtos como melancia entre outros. No período de verão, estabelecem tapiris nas praias, por onde

ficam durante todo o verão, usufruindo o máximo das condições dessa época do ano.

Cada local de residência, explora a madeira e caucho, nos igarapês próximos ao seu estabelecimento cuja sequencia ao longo do rio, perfaz o somatório das malocas e a espinha dorsal do seu território formado pelo curso do rio Amônia.

Ao todo, encontramos 05 cemitérios indígenas, distribuídos ao longo do rio Amônia, geralmente pequenos, alguns históricos e sem vestígios, outros mais recentes. Estão localizados na foz do Amoninha, no Fogão de Pedra, na foz do igarapé Taboca, na localidade ocupada por brancos denominada Primavera e Remanso.

Resguardando o sistema do rio Amônia, como área imemorial indígena, estão as linhas divisórias do território nacional com o Peru, o rio Arara e a última colocação de seringa do rio Amônia tendo como limite, os igarapês reivindicados pelos índios denominados Montivideo de Baixo e Artur. Neste local, encontra-se o varadouro feito pelos índios, que dá acesso ao rio Arara, onde mora a família de César Romão. Na foz do rio Arara, mora a família de Manoel Paroto - sua mulher, Pisquita e um filho. Esta residência fica fora da área delimitada.

Como seu Tapiri fica em um igarapé do Arara denominado Boca Vermelha, sugerimos sua inclusão na proposta de área, com o objetivo além de obrigar esta família, constituir o ponto mais avançado da área em direção ao rio Breu, povoado por outro grupo Kampa. Este grupo utiliza como acesso ao Amônia, uma picada feita pelo exército peruano, na linha divisória dos dois países, do Juruá, passando pelas cabeceiras do Arara, até o marco do Amônia.

A área proposta para usufruto da comunidade Kampa, constitui-se de terras devolutas, não se registrando nenhum documento de posse incidente sobre a mesma. O único ocupante que declara possuir documentos de propriedade, está com seu título anulado pelo cartório de Cruzeiro do Sul. A área é reconhecida pelo INCRA - P.F. Alto Juruá, como ocupada por índios, já tendo sido de alguns anos para cá evitado qualquer regularização fundiária, até que seja feito os estudos da FUNAI.

A necessidade de tutela ao Kampa pelo governo brasileiro é emergente, tendo em vista o grau de contato dos Kampa e seu entendimento da dinâmica da sociedade envolvente, para o qual se encontram totalmen

te sem instrumentos, sujeitos por isso a toda forma de violência (sexual, econômica, cultural) por parte dos patrões, empregados, parentes e autoridades locais.

Nos limites estabelecidos para o território brasileiro, na região do Acre, as cabeceiras da maioria dos rios brasileiros estão em território Peruano e Boliviano: Amônia, Juruá (yuruá), Envira, Purus, Chandless, Iaco, constituindo os divisores de água com o Ucayali, formador peruano do rio Amazonas. Ainda é possível presenciar no alto Juruá, expressões de nacionalismo com relação a outras fronteiras do Brasil. As bases econômicas deste sentimento, é a presença de brasileiros explorando madeira no lado peruano e peruanos que atravessam as fronteiras brasileiras para o mesmo trabalho.

Com relação aos índios, não estamos descartando a possibilidade de desenvolvimento da região; estamos apenas considerando que serão eles, os autores deste movimento.

A princípio, consideramos incompatível a exploração de madeira por brancos e índios na região do Amônia, pela forma selvagem que tem se dado o trabalho dos primeiros. Estabelecemos como possível, dado o papel da FUNAI e importância econômica do rio, os índios como madeireiros, donos da reserva, exploradores parcimoniosos, menos predadores e possíveis protetores do ecossistema e finalmente, fornecedores de madeira a Cruzeiro do Sul.

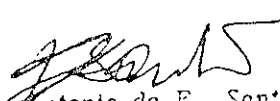
[Handwritten signature]

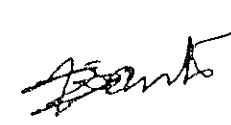
6 - SUGESTÃO

Apontamos como sugestão imediata, a efetivação da presença da FUNAI na área, para orientar e controlar a ação da população branca e principalmente, dar conhecimento aos Kampa dos serviços prestados pela FUNAI.

- utilização da madeira apreendida na área, em benefício do grupo.
- disciplinar o trabalho de extração de madeira e intervir no fornecimento de bens industrializados aos índios de forma justa e humana.
- oferecer à comunidade assistência médica, através da visita de uma equipe de saúde, avaliando o estado de higidez do grupo.
- desenvolver projetos de desenvolvimento comunitário, visando melhorar e incentivar algumas características culturais, seja no aproveitamento comercial do artesanato, ou assistência na agricultura, principalmente no plantio de algodão para a confecção das roupas tradicionais.

O Alto Juruá, por sua distância, isolamento e falta de estrutura física e de pessoal da Delegacia, tem sido relegado ao segundo plano. É de extrema importância a assistência da FUNAI, mesmo de forma volante, na região do alto Juruá, para compor junto a outros órgãos e entidades da região, a legalidade das relações comerciais e étnicas, fundamentando a proteção e assistência a vários grupos indígenas aí localizados.


Marco Antonio do E. Santo
Biólogo
Portaria 1171 - 9-92-81



Bibliografia

- Ribeiro, Darcy - Os Índios e a Civilização.
- Barros Glimeses Rego - A Presença do Cap. Rego Barros no Alto Juruá (192 - 1915).
- Lima, Araújo - Plácido de Castro, um Caudilho contra o Imperialismo.
- Santos, João Orestes Slineider - A Mineração na Amazônia e as reservas indígenas - Jornal A Notícia, Manaus, 18.03.85.
- Mori, Angel Corbera - Correspondência, DLSE/Centro Amazônico de Antropologia Y Aplicacion Practica, Lima-Peru, 1985.
- Egon/Eden - CIMI/Prel. Alto Juruá - 1984 - Rio Breu, Índios Kampa (Ashaninka) e Kaxinawá - Museu do Índio, Rio.
- Vogel, Arno - Kamparia, breve notícia etnográfica - Rio 1978.
- Monteiro, Maria Elizabeth Brêa - Rel. sobre os Índios Kampa situados no Estado do Acre - DGPI/1981.
- Informativo FUNAI Nº 17, ano V, 1976 - FUNAI Inicia Assistência Efetiva aos Índios do Acre.
- Biblioteca Mun. Cruzeiro do Sul - 80º Aniversário de Cruzeiro do Sul 22º da Emancipação Política do Acre
- Comissão Pró-Índio/CIMI - AC - Da História à Situação Atual dos Índios do Acre . Rio Branco, 1982.
- 80 anos de Cruzeiro do Sul - Edição Especial Folha do Acre - Os Índios e a Luta dos Direitos.
- Processo, Lima, 1984: 22-23 - Campal en el Peru - Museu do Índio, Rio.
- Proc. FUNAI/BSB/0043/84 e Proc. FUNAI/BSB/1588/85.
- Documentação DPI - Kampa do Rio Amônia, Kampa do Rio Envira - pastas suspensas.

[Handwritten signature]

Instituições Visitadas

Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cruzeiro do Sul - Acre

IBDF - Cruzeiro do Sul, Acre

Secretaria de Desenvolvimento Agrário - Cruzeiro do Sul, Acre

79 BEC - Cruzeiro do Sul e Destacamento da Vila Marechal Taumaturgo

Prefeitura Mun. Cruzeiro do Sul - Acre

INCRA - Cruzeiro do Sul e Rio Branco - Acre

SUCAM - Cruzeiro do Sul - Acre

Secretaria de Saúde - Posto da Vila Porto Valter, Mun. Cruzeiro do Sul

Sub-Prefeitura da Vila Marechal Taumaturgo, Mun. Cruzeiro do Sul

Assessoria de Comunicação do Gov. do Acre - Rio Branco

APC - Coordenadoria de Informações, Rio Branco

IBGE - Rio Branco, Acre

Comissão Pró-Índio - Rio Branco, Acre



MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI

003/25.5

17.09.85

00/000

MEMO Nº 05 /DID/DPI/85.

Em: 17.09.85

Do: Sociólogo MARCO ANTÔNIO E. SANTO

Ao: Diretor da DPI

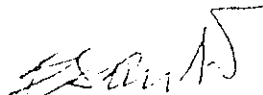
Assunto: Encaminhamento (Faz)

Estamos encaminhando o presente relatório a V.Sa., solicitando a gentileza de autuá-lo com as seguintes características.

Nome - ÁREA INDÍGENA KAMPA DO RIO AMONEA

Súmula- IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO

Atenciosamente,


Marco Antonio do E. Santo
Sociólogo
Portaria M/1 - 0-03.82

MARCO ANTÔNIO ESPÍRITO SANTO
Sociólogo-DID/DPI

FUNAI/DGPI
RECEBIDO 19/9 185
Sueli

DID/DPI/MAES/Jjrs.